

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

THAYUANNE SILVA DE MELO

ENGAJAMENTO DOS ALUNOS DA ÁREA DA SAÚDE NAS PESQUISAS
CIENTÍFICAS DESENVOLVIDAS EM DUAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO
SUPERIOR DE ALAGOAS

Maceió

2021

THAYUANNE SILVA DE MELO

ENGAJAMENTO DOS ALUNOS DA ÁREA DA SAÚDE NAS PESQUISAS
CIENTÍFICAS DESENVOLVIDAS EM DUAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO
SUPERIOR DE ALAGOAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Ciências
Biológicas e da Saúde da Universidade
Federal de Alagoas como requisito
parcial para conclusão de Graduação em
Ciências Biológicas Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Leite Góes
Gitaí

Maceió
2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de
Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 –

1767

M528e Melo, Thayuanne Silva de.

Engajamento dos alunos da área da saúde nas pesquisas científicas
desenvolvidas em duas instituições de ensino superior de Alagoas /
Thayuanne Silva de Melo. – Maceió, 2021.

46 f. : il.

Orientador: Daniel Leite Góes Gitaí.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Biológicas:
licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências
Biológicas e da Saúde. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 37-39.

Anexos: f. 40-46.

1. Estudantes universitários. 2. Pesquisa científica. I. Título.

CDU: 378:001.891

FICHA DE APROVAÇÃO

THAYUANNE SILVA DE MELO

ENGAJAMENTO DOS ALUNOS DA ÁREA DA SAÚDE NAS PESQUISAS CIENTÍFICAS
DESENVOLVIDAS EM DUAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE ALAGOAS

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao curso de Ciências
Biológicas Licenciatura da
Universidade Federal de Alagoas e
aprovado em 04 de junho de 2021.

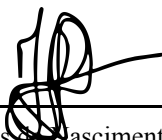


Prof. Dr. Daniel Leite Góes Gitaí - ICBS/UFAL (Orientador)

BANCA AVALIADORA



Delma Holanda de Almeida- UFAL (Avaliadora)



Dr. Jean Phellipe Marques do Nascimento - LACEN/AL (Avaliador)

Aos meus pais que não mediram esforços pela minha educação.

AGRADECIMENTOS

*Ao longo da minha jornada acadêmica, tive a oportunidade de conhecer pessoas incríveis e inspiradoras que todos os dias me estimularam e incentivaram a dar o melhor de mim, que sempre acreditaram e confiaram que eu poderia fazer mais, melhor... Pessoas que me ensinaram o ciclo da aprendizagem, **“se fizer tudo com consistência, persistência e dedicação, um dia conseguirá fazer sozinha e depois ensinará alguém”**, e assim, conquistar objetivos, ir mais longe e tirar sonhos do papel.*

Agradeço a tantas pessoas e dentre elas...

Ao professor Daniel Gitaí, que me inspira com sua mente brilhante, suas ideias, sua calma e com seu dom de sempre conseguir solução e clarear nossas ideias nos momentos mais oportunos onde às vezes, nos sentimos sem rumo ou direção. Levarei comigo muito de ti...

Mykaella Andrade, uma pessoa iluminada de fé e alma, que nos acolhe, aconselha, acalma e nos direciona como ninguém. Sempre disposta a ajudar e orientar da melhor forma. Uma pessoa super humana e de um coração com bondade inigualável, características que aprendi e quero levar um pouco disso comigo na minha jornada pessoal e profissional.

A Bruna Santos, uma líder incrível. Determinada, responsável, que sabe nos colocar no eixo quando, por vezes, nos perdemos no meio do caminho. Com toda sua dedicação e paixão pelo que faz, me inspirou a nunca desistir e a ser uma pessoa consistente e dedicada. A você, todo respeito e admiração. Guardarei essas qualidades pra vida.

Ao Júnior Davi, que foi meu amigo e incentivador desde os primeiros dias de aula, com tanta garra e dedicação, me mostrando sempre que tudo o que quero é possível. Um amigo daqueles que te dá os puxões de orelhas necessários para nos fazer enxergar o caminho certo. Ele me colocou exatamente onde eu deveria estar e através dele, conheci esse tanto de gente incrível e profissional e acima de tudo, são tão humanos e acolhedores, qualidade indispensável pra gente não desistir nesse processo de aprendizagem que é por vezes desafiador e desgastante. Você é um ser incrível e de qualidades que me fazem inspirar a ser um tantinho igual a você!

Pedro Augusto, sempre solícito, sincero, alto astral... Daqueles amigos que mesmo nos maiores perrengues, consegue conduzir a situação de forma divertida e alegre, levantando o ânimo e colocando um pouco de humor em tudo. Com pessoas assim, nenhum caminho é pesado ou triste. Toda jornada é leve e divertida. Quero muito esse alto astral pra vida toda.

A Carmem Lúcia, que pessoa, que ser humano, que professora... Nunca negou ajuda, sempre elaborava exercícios, aulas, dentro do laboratório pra gente aprender mais, tirar dúvidas... Uma pessoa genial, dedicada, inteligente e que ama o que faz e dá gosto de aprender com ela por isso. Levarei essa paixão comigo e tentarei depositar nas pessoas esse mesmo sentimento.

Aos meus amigos Everton Vasconcelos e Joyce Lima que sempre me incentivaram, sempre me deram apoio e colo quando precisei. Vocês me inspiram tanto... Deus foi generoso por ter colocado vocês em minha vida. Amo vocês!

Ao meu pai que sempre me guiou pelo caminho da educação. Ele foi e é o meu maior professor. Desde que me entendo por gente, lembro do meu pai me ensinando... As horas no relógio analógico de pulso, os dias da semana num quadro de giz, a temida matemática... Além de me ensinar pra vida... A me defender, a não falar com estranhos, a monitorar meu dinheiro... A ser a mulher que eu sou, a filha que eu sou, a esposa e a mãe que me tornei. Eu realmente sou sua metade, seus 50% de DNA e espero te honrar, honrar teu sobrenome e tua história aqui na terra. Te amo incondicionalmente!

A minha mãe que nunca soltou minha mão, que sempre me coloca pra cima e me faz enxergar o meu potencial. Aquela que é a primeira em que eu penso, quando preciso de ajuda, de socorro, porque sei que posso confiar em qualquer situação. Que sorte a minha poder contar com um suporte desse. Ela é como uma fonte inesgotável de força, garra e determinação. Quero sempre um pouco dessa força em mim. Me lembrarei até meu último dia de vida de toda essa dedicação, amor e confiança depositadas em mim. Levarei muito de ti comigo e passarei pra minha próxima geração, pra minha doce Mel. Te amo, mãe!

E pra minha filha. É por você que tento ser melhor a cada dia, a cada minuto que a tristeza tenta me abater. Você é minha força, meu chão e tudo que eu faço é e sempre será pra ti, pelo teu sorriso e pela tua felicidade. Te amo!

Ao meu marido, Dênis, que sempre acreditou em mim, mesmo quando eu mesma não acreditava. Ele sempre foi minha base, que me impulsionou pra frente, pra cima dos meus objetivos, nunca pra trás, pra o que não deu certo. Te agradeço por toda a

paciência, ajuda, empenho, por todas as noites que privastes teu sono pra que eu conseguisse realizar meus sonhos... Por todo trabalho duro, honesto e por toda dedicação a nossa família. Você é luz, meu melhor amigo e companheiro de vida! Obrigado Deus por ter colocado você em meu destino. Juntos somos muito fortes. Te amo imensamente!

Aos meus amigos de toda a jornada da graduação Caroline, Anderson, Allex e Aline, sem vocês minha jornada não teria sido tão produtiva, divertida e meu aprendizado não teria sido leve e prazeroso quanto foi.

Minha eterna gratidão a todos aqueles que passaram na minha vida e fizeram a diferença, jamais esquecerei!!!

“Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar” Josué 1:9.

Todo sucesso é resultado de um poder.

Todo poder é resultado de um esforço organizado.

Todo esforço organizado é resultado de um objetivo bem definido.

Todo objetivo definido é resultado de um sonho (Napoleon Hill).

RESUMO

Introdução: A iniciação científica (IC) é uma atividade que inicia o aluno de graduação na produção de conhecimento científico. Essa atividade geralmente acontece em instituições de ensino superior. É através desse conhecimento científico que os discentes têm a oportunidade de desenvolver o senso crítico, ético, profissional e de produzir conhecimento. A universidade é o veículo mais importante para estimular e incentivar à pesquisa, tendo um papel fundamental no desenvolvimento desta atividade, sendo necessário o apoio da instituição e de professores, porém existem motivos que distanciam os alunos dessa vivência de realizar pesquisa científica no meio acadêmico.

Objetivo: Avaliar se os graduandos dos cursos da área da saúde de duas Instituições de Ensino Superior identificadas aqui como, IES 1 (pública) e IES 2 (privada) têm conhecimento sobre as pesquisa científica desenvolvidas nessas instituições de ensino e qual o índice de engajamento - Engajados, Não engajados e Nunca engajados. Participaram 115 estudantes com idade entre 18 e 50 anos, provenientes de universidade pública (79,1%) e universidade particular (20,9%), sendo a maioria do sexo feminino (72,4%). **Metodologia:** Os dados foram obtidos por meio de um questionário online (criado na plataforma Google Forms) que foi disponibilizado para os alunos, no período entre março de 2020 a janeiro de 2021, contendo questões de múltipla escolha e aberta sobre pesquisa científica. Ao fim do tempo estabelecido, as respostas foram analisadas quantitativamente, através de métodos estatísticos de frequência relativa e absoluta, para isso foi utilizado o programa Microsoft Excel 2013.

Resultados: Foi possível observar que dentre os motivos que impedem os alunos a desenvolver atividades de pesquisa científica, os mais citados foram, conciliar entre os estudos da graduação e pesquisa no laboratório, muitas vezes por falta de tempo devido à carga horária dos cursos ou ainda pela necessidade de conciliar os estudos com o trabalho de alunos que precisam trabalhar e estudar, ficando inviável a participação dos mesmos nessas atividades extracurriculares que a universidade oferece e observamos a necessidade de desenvolver projetos que possam estimular o engajamento dos estudantes e melhorar a divulgação das pesquisas científicas. **Conclusão:** De acordo com os resultados obtidos, pode-se sugerir que a produção científica nos cursos de saúde contribui para a sociedade, para o aluno, na formação do professor pesquisador e para a vida profissional.

Palavras-chave: Universitários; Engajamento científico; Pesquisa Científica.

ABSTRACT

Introduction: Scientific initiation (CI) is an activity that initiates the undergraduate student in the production of scientific knowledge. This activity usually takes place in higher education institutions. It is through this scientific knowledge that students have the opportunity to develop a critical, ethical, professional sense and to produce knowledge. The university is the most important vehicle to stimulate and encourage research, playing a fundamental role in the development of this activity, requiring the support of the institution and professors, but there are reasons that distance students from this experience of conducting scientific research in university. **Objective:** Assess whether undergraduates of courses in the health area of two Higher Education Institutions identified here as HEI 1 (public) and HEI 2 (private) have knowledge about the scientific research developed in these educational institutions and what is the engagement rate - Engaged, Not Engaged and Never Engaged. 115 students aged between 18 and 50 years, from public university (79.1%) and a private university (20.9%) participated, with the majority being female (72.4%). **Methodology:** Data were obtained through an online questionnaire (created on the Google Forms platform) which was made available for students, from March 2020 to January 2021, containing multiple-choice and open-ended questions about scientific research. At the end of the established time, the answers were analyzed quantitatively, using statistical methods of relative and absolute frequency, using the Microsoft Excel 2013 program. **Results:** It was observed that among the reasons that prevent students from developing scientific research activities, the most cited were to reconcile between the reconciling undergraduate studies and laboratory research, often due to lack of time due to the course load or the need to reconcile studies with the work of students who need to work and study, making their participation in these activities unfeasible extracurriculars that the university offers and we see the need to develop projects that can encourage student engagement and improve the dissemination of scientific research. **Conclusion:** According to the results obtained, it can be suggested that scientific production in health courses contributes to society, to the student, to the training of the researcher teacher and to professional life.

Keywords: University students; Scientific engagement; Scientific research.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Total de participantes da pesquisa por engajamento.....	27
Tabela 2. Total de alunos e índice de engajamento por instituição.....	27
Tabela 3. Sexo e índice de engajamento.....	29
Tabela 4. Idade dos participantes e o índice de engajamento.....	29
Tabela 5. Quantidade de participantes por período e índice de engajamento.....	30
Tabela 6. Quantidade total de respostas de questões objetivas.....	32
Tabela 7. Distribuição dos alunos que acham que existe uma boa divulgação das pesquisas científicas desenvolvidas na IES 1 e na IES 2.....	33
Tabela 8: Fatores que influenciam a realização da pesquisa científica durante a graduação.....	34
Tabela 9 - Distribuição dos alunos que dizem ter dificuldades em conciliar a pesquisa científica e estudos da graduação.....	34
Tabela 10: Comentários dos participantes sobre como melhorar a divulgação da pesquisa científica na universidade.....	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	16
2.1	A formação científica como estratégia pedagógica para o desenvolvimento humano	16
2.2	O surgimento das universidades no Brasil e a sua missão atual.....	17
2.3	A perspectiva histórica da ciência nas universidades.....	20
2.4	Engajamentos acadêmico.....	23
3	OBJETIVOS.....	25
3.1	Geral.....	24
3.2	Específicos.....	24
4	MATERIAIS E MÉTODOS.....	26
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	27
6	CONCLUSÃO.....	37
	REFERÊNCIAS.....	38
	ANEXOS.....	43

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o artigo 207 da Constituição Federal de 1988, a pesquisa, o ensino e a extensão constituem os eixos basilares do tripé alicerçador das Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil. Cada eixo apresenta um universo de teoria, conceitos e práticas especializados, mas que somente ao conversar entre si atingem o pleno sentido do seu alcance. A pesquisa - ao ser considerada como qualquer investigação metódica, desenvolvida para fornecer informações que possam solucionar um problema (VICKERY, 1972; OHIRA, 1998) - adquire um papel articulador por excelência.

Nas Universidades, a investigação científica é estratégica para formação dos alunos, conforme percebido por Jankevicius (1995) ao expressar que “as atividades de pesquisa tentam reduzir a distância entre o que é ensinado e a fronteira de conhecimento, sendo atividade acadêmica essencial para o bom desempenho da função privativa de ensino”. É pela pesquisa que também se busca a solução de problemas da comunidade e a transformação da realidade a qual ela está inserida. De acordo com César (2013) tradicionalmente, as universidades são reconhecidas como espaços de produção e compartilhamento de conhecimento científico e como local em que é oferecido o ensino superior.

Ao inserir-se nas universidades, o estudante traz toda uma rede de conhecimento prévio como referência de suas experiências no mundo. Cabe ao ensino superior, introduzir os elementos metodológicos para uma reflexão e expansão organizada dessa rede de conhecimento, ajudando o aluno a encarar os problemas da sociedade a partir de um diálogo crítico, ético e racional (FONTANELLA; MEGLHIORATTI, 2013). A formação científica é fundamental nessa missão.

Segundo Rocha (2010) o cidadão é responsável por cuidar do meio ambiente quando age de forma consciente e solidária em relação a temas que fazem parte do bem-estar da sociedade que estão inseridos. Dentro das universidades brasileiras existem espaços de investigação científica e de produção de conhecimento que devem procurar responder às necessidades sociais mais amplas (FÁVERO, 2006). Além do mais, a pesquisa pode e deve ser uma das principais fontes de continuação da educação após a conclusão do curso, principalmente diante da perspectiva de traçar estratégias e apontar os caminhos para a especialização profissional (CRUZ, 2003).

Os laboratórios de pesquisa das Instituições de Ensino Superior 1 e 2 possuem diferentes linhas de pesquisa científica que contribuem para a formação científica dos discentes. Entre essas linhas encontramos grupos que trabalham com doenças neurológicas, microrganismos, câncer, imunologia, parasitologia, dentre outras. Assim, essa pesquisa teve como objetivo verificar se os alunos de graduação dos cursos de saúde das Instituições de Ensino Superior 1 e 2 têm conhecimento sobre as pesquisas científicas desenvolvidas dentro dessas instituições, bem como o engajamento dos participantes.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A formação científica como estratégia pedagógica para o desenvolvimento humano

A expressão Baconiana "saber é poder" traz o pragmatismo utilitarista para o coração da ciência, sobretudo, quanto ao seu objetivo precípua de facilitar a vida humana sobre a Terra (ZATERKA, 2015).

O pensar de forma racional e organizada é uma condição *sine qua non* para que os indivíduos desenvolvam competências e habilidades de interpretar e modificar o mundo de forma crítica, construtiva e autônoma (SANTOS et al., 2019). Aqueles que buscam o caminho da ciência descortinam a cada um passo um mundo de possibilidades e ações. Nesse sentido, a introdução do indivíduo ao pensamento científico deve nortear os paradigmas pedagógicos em toda a educação formal (MACEDO; NASCIMENTO; BENTO, 2013).

Experienciar o “fazer ciência” durante os anos de formação inicial da criança, do adolescente no ensino médio ou do jovem na universidade conduzirá o estudante ao senso crítico, ao amadurecimento de suas ideias e concepções, estimulará a sua criatividade, seus anseios por respostas, aguçar a vontade de conhecer, entender e buscar novos meios e soluções para os problemas que permeiam sua vida e a sociedade em geral (BARBOSA; RAMOS; CIRÍACO, 2009). A educação científica amplia a capacidade do indivíduo de perceber nos diferentes nichos sociais o que está faltando, o que pode ser melhorado e o que pode ser inventado para solucionar um problema. Quando se inicia uma atividade científica compreende-se a importância e as consequências das tomadas de decisão.

No ensino fundamental e médio, a cultura científica vem sendo reverberada no âmbito do letramento científico como fonte principal e necessária do processo ensino-aprendizagem. De fato, o Letramento Científico mobiliza as vivências diárias dos alunos a favor dos fins educativos reais, tais como o desenvolvimento da imaginação criativa e do pensamento crítico (AULER; DELIZOICOV, 2001). Além disso, tal paradigma, ao “ajudar os estudantes a alcançar níveis mais altos de Alfabetização Científica” (BYBEE, 1995 *apud* Santos et al., 2019), tem melhorado o processo de apreensão dos conteúdos escolares e do amadurecimento psíquico-social do indivíduo.

Por outro lado, a realidade brasileira ainda apresenta uma educação científica bastante restrita e, muitas vezes, somente é alcançada durante a formação superior, quando o estudante tem a oportunidade de participar de projetos científicos nos ambientes extrassala de aula.

A pesquisa científica é de suma importância para o desenvolvimento e crescimento da ciência e do país, mas:

(...) para muitos alunos, universitário ou não, calouro ou veterano, o ato de iniciar uma pesquisa parece, num primeiro momento, precipitado e, às vezes, distante de sua realidade. Grande parte dos estudantes desconhece as possibilidades e o caminho para fazer pesquisa. Limitam-se, quando muito, a realizar trabalhos escolares superficiais, achando que somente quando estiverem formados deverão tomar atitudes mais amadurecidas em relação ao aprofundamento dos seus estudos. Isto se deve ao fato de que boa parte do corpo docente, em especial dos ensinos fundamental e médio, também desconhece estas possibilidades, limitando-se a cumprir sua carga horária nas escolas (BARBOSA; RAMOS; CIRÍACO, 2009).

Portanto, torna-se premente analisar a contextualização da ciência no ensino superior, considerando o fato de que são as universidades que fazem, com efeito, a vida marchar. Nada as substitui. Nada às dispensa. Nenhuma outra instituição é tão assombrosamente útil (TEIXEIRA, 1988).

2.2 O surgimento das universidades no Brasil e a sua missão atual

Segundo Teixeira (1977 *apud* Massi; Queiroz, 2015), o ensino superior estruturou-se no Brasil durante o período colonial com a mudança da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1808), delineando-se, principalmente, na construção de faculdades isoladas voltadas para a formação profissional. Não havia espaço para formação humana ou para pesquisa científica.

De acordo com Gomes (2014), as primeiras universidades no Brasil surgiram no início do século XX. A primeira delas foi a de Manaus em 1909, seguida pela Universidade de São Paulo em 1911 e a do Paraná em 1912. Porém, elas não foram reconhecidas pelo governo federal, implicando a extinção de todas elas.

A instalação das universidades no Brasil somente ganhou força entre as décadas de 20 e 60, quando efetivamente começaram a assumir uma configuração institucional similar à atual (MENDONÇA, 2000). O Quadro 1 sumariza as primeiras universidades, academias e instituições de pesquisa do Brasil.

Quadro 1 - Primeiras instituições e academias do Brasil.

Ano	Instituição	Observação
1876	Museu Nacional	Rio de Janeiro
1887	Instituto Agrônomo (IAC)	Campinas
1900	Instituto Oswaldo Cruz	1º a obter certificado internacional
1920	Universidade do Brasil	1ª universidade pública do país
1921	Academia Brasileira de Ciências	-
1927	Universidade Federal de Minas Gerais	Belo Horizonte
1934	Universidade de São Paulo	Grande prestígio internacional
1935	Universidade do Distrito Federal	-
1941	Pontifícia Universidade Católica	Rio de Janeiro
1945	Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho	-
1947	Instituto Tecnológico de Aeronáutica	Instituto voltado para o desenvolvimento da ciência
1948	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência	-
1949	Centro Brasileiro de Pesquisa Física	-
1951	CNPq e Capes 1	1ª agência de fomento
1960	Fapesp	Agência de fomento do Estado de São Paulo
1961	Universidade de Brasília	-
1963	Pós-graduação PUC/RJ	Inaugurou mestrado em engenharia
1964	COPPE	Criado na UFRJ, programa de pós-graduação em engenharia
1965	Universidade Estadual de Campinas	Campinas
1967	FINEP	Financia projetos de pesquisa em ciência e tecnologia

Fonte: Meis; Leta, (1996) e completado por Massi; Queiroz, (2015).

Criada em 1920 pelo governo federal, a Universidade do Rio de Janeiro foi a primeira do Brasil que assumiu de forma duradoura essa denominação, nascendo a partir de uma composição entre a escola Politécnica, a escola de Medicina e a Faculdade de

Direito (junção de duas escolas livres) (MASSI; QUEIROZ, 2015). Posteriormente, em 1927, a Universidade de Minas Gerais foi criada por iniciativa do governo do estado e reunia as faculdades de Engenharia, Medicina, Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte (SOUZA, 1996).

Entretanto, insta notar que malgrado a nova conformação universitária, as instituições continuaram a funcionar de forma isolada, como um simples aglomerado de escolas e sem nenhuma associação entre si, restando apenas uma disputa de poder entre elas. Os currículos continuaram os mesmos, assim como as práticas desenvolvidas dentro delas (MENDONÇA, 2000). As universidades, de modo geral, colocavam em primeiro plano o ensino profissional, prático, em detrimento da organização da pesquisa com tanto a contribuir para o progresso da nação, (BRIDI, 2004).

A ideia de universidade voltada para a preparação de uma carreira intelectual de forma crítica e através dos princípios de ensino e pesquisa foi defendida por Teixeira, (1977). Ele propôs uma universidade que promovesse a cultura desinteressada e assegurasse a preparação para a carreira intelectual de maneira crítica, através de princípios tais como a associação entre ensino e pesquisa e a autonomia didática, administrativa e econômica.

De fato, a história das universidades no Brasil passou por diferentes momentos políticos, sociais, econômicos e tudo isso foi determinante para que conseguíssemos chegar no modelo atual, em que a universidade busca responder às demandas que existem na sociedade para novos conhecimentos, tecnologias e inovação apropriadas. Estes são os principais produtos gerados nas universidades, assim como a formação de profissionais qualificados (GOMES, 2014).

De acordo com o artigo 207 da Constituição Federal de 1988, o ensino, pesquisa e extensão constituem o eixo fundamental da Universidade brasileira e não podem ser compartimentalizados. O dispositivo constitucional dispõe que “as universidades [...] obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Equiparadas, essas funções básicas merecem igualdade em tratamento por parte das instituições de ensino superior, que, do contrário, violarão o preceito legal.

Moita; Andrade, (2009) afirmam que esse tripé, ensino, pesquisa e extensão são indissociáveis e também não podem ser considerados como relações duais, pois:

Assim, se considerados apenas em relações duais, a articulação entre o ensino e a extensão aponta para uma formação que se preocupa com os problemas da sociedade contemporânea, mas carece da pesquisa, responsável pela produção do conhecimento científico. Por sua vez, se associados o ensino e a pesquisa, ganha-se terreno em frentes como a tecnologia, por exemplo, mas se incorre no risco de perder a compreensão ético-político-social conferida quando se pensa no destinatário final desse saber científico (a sociedade). Enfim, quando a (com frequência esquecida) articulação entre extensão e pesquisa exclui o ensino, perde-se a dimensão formativa que dá sentido à universidade.

Na colocação de Anísio Teixeira (1977 *apud* Massi; Queiroz, 2015), ele menciona que a universidade não se trata apenas de difundir conhecimentos, pois livros também difundem, nem de conservar a experiência humana, pois o livro também conserva. Não se trata somente de preparar os práticos ou profissionais [...] A aprendizagem direta os prepara [...], (Teixeira, 1977, p.90).

A universidade é estruturada visando atender e suprir as necessidades da sociedade que a acolhe. Assim, em um Estado que se destina à produção rural, evidentemente será dada maior importância no desenvolvimento de tecnologias e formação de profissionais nesta área (JUS, 2017).

A Universidade é um lugar de privilégio que visa a formação profissional e é gerenciada para atender às exigências do nosso tempo. Atribui-se a ela a responsabilidade de educar e, devido a isso, formar o futuro de um país.

Por outro lado, conforme Pereira (2009 *apud* Massi; Queiroz, 2015), poucas instituições de ensino no Brasil vinculam os eixos de ensino e pesquisa e mesmo nas universidades que propõem em seus projetos essa vinculação, ela é dificultada e não apresenta efetividade plena em seu corpo social. Nas palavras de Pereira (2009): “O que temos na grande maioria das universidades brasileiras é uma ‘universidade de ensino’ apenas, que, embora possa desempenhar um papel importante para o país, não é legitimamente “uma universidade de ensino e pesquisa”.

2.3 A perspectiva histórica da ciência nas universidades.

O Quadro 1, iniciado por Meis e Leta (1996, p.35) e completado por Massi; Queiroz (2015), demonstra que, no final do século XIX e início do século XX, atividades de pesquisa – ainda escassas – eram realizadas fora das universidades, em institutos e em museus criados para esse fim (MEIS; LETA, 1996). Os institutos bem estruturados

desenvolviam ciências aplicadas e voltadas para temas ligados à expansão agrícola e à extinção de doenças tropicais (MENEGUEL, 2001).

O ideal de pesquisa científica passou a fazer parte das finalidades da Universidade na década de 1930, a partir da publicação do Estatuto das Universidades Brasileiras pelo Decreto n.19.851. O Estatuto determinou a preferência pelo sistema universitário para oferecer o ensino superior e definiu como suas finalidades estimular a cultura geral e a investigação científica (BRIDI, 2004).

O art. 46 do Estatuto incluiu a realização da pesquisa dentro das universidades e ressaltou que os “institutos universitários deverão organizar e facilitar os meios para a realização de pesquisas originais, que aproveitem aptidões e inclinações, não só do corpo docente e discente”. No art. 71, definiu como função dos docentes, entre outras, a “realização de cursos de aperfeiçoamento e de especialização, ou ainda a execução e direção de pesquisas científicas”, (BRASIL, 1931).

Após a criação e repercussão deste Estatuto, foi fundada a primeira universidade que relacionou a ideia de formação humana do estudante ao tripé do eixo ensino, pesquisa e extensão, a Universidade de São Paulo (USP), (CARDOSO, 1982).

O desenvolvimento de pesquisas dentro de uma universidade precisa, na maioria das vezes, de apoio financeiro e isto ocorre por meio de órgãos de regulação e fomento à pesquisa, por isso a grande importância da criação de agências, para que se possa desenvolver, finalizar e publicar os trabalhos científicos (FILHO et al., 2005). A ação social dos órgãos e agências fomentadoras é de suma importância para a educação e vem contribuindo para o financiamento de pesquisas científicas e tecnológicas, que visam o desenvolvimento do país.

Na esteira desses desafios, inúmeros programas institucionais têm sido implantados nas universidades para incluir e iniciar o jovem no ambiente da ciência.

Em 1988 o CNPq criou o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Pibic –, um instrumento adicional de fomento, pelo qual bolsas de IC passaram a ser concedidas diretamente às Instituições de Ensino Superior – IES – e aos Institutos de Pesquisa – IPq –, responsáveis por gerenciar diretamente as concessões dessas bolsas (MASSI; QUEIROZ, 2010). De acordo com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico publicado em 15 de outubro de 2020, os

programas institucionais dirigidos aos estudantes do Ensino Superior são: PIBIC, PIBIC-Af, PICME e PIBITI.

PIBIC - O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica: foi o primeiro programa institucional criado para a Iniciação Científica. O Programa atende instituições de Ensino e/ou Pesquisa públicas e privadas. As cotas de Iniciação Científica são concedidas diretamente às Instituições por meio de Chamada Pública de propostas. A seleção dos projetos é feita pelas instituições.

PIBITI - O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação: é um programa institucional voltado para a Iniciação Tecnológica e de Inovação para estudantes de graduação. O Programa concede bolsas de Iniciação Tecnológica às instituições que desenvolvem pesquisa em tecnologia e inovação por meio de Chamada Pública de propostas. A seleção dos projetos é feita pelas instituições.

O PIBIC-Af - É o Programa Institucional de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas, resultado de uma parceria entre CNPq e SEPPIR. É dirigido às universidades públicas que são beneficiárias de cotas PIBIC e que têm programa de ações afirmativas para o ingresso no Ensino Superior. Seu objetivo é ampliar a participação de grupos sociais em espaços tradicionalmente por eles não ocupados, quer seja em razão de discriminação direta, quer seja por resultado de um processo histórico a ser corrigido. A seleção dos projetos é feita pelas instituições.

E O PICME - Programa de Iniciação Científica e Mestrado desenvolvido em parceria com a Capes e com o IMPA. As bolsas de Iniciação Científica são concedidas aos medalhistas da Olimpíada Brasileira de Matemática nas Escolas Públicas (OBMEP) ou da Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM) que estejam cursando a graduação. A indicação dos bolsistas é feita pelo IMPA.

Tais Programas têm possibilitado o acesso dos alunos de graduação na produção de conhecimento científico, tão importante para o desenvolvimento do senso crítico, ético e profissional (MELO et al., 2018). Por outro lado, faz-se necessário uma conscientização do corpo social para a necessidade do engajamento discente nesses ambientes de aprendizado (extrassala de aula) com vistas a uma formação acadêmica mais sólida.

2.4 Engajamento acadêmico

Segundo Kuh (2009 *apud* Costa; Vitória, 2018) o engajamento acadêmico pode ser analisado através de duas perspectivas distintas, porém complementares, sendo a primeira com foco nos estudantes (engajamento acadêmico estudantil) e a segunda com foco nas instituições de ensino (engajamento acadêmico institucional).

O engajamento institucional é abordado internacionalmente na área educacional, desde 1980 visando identificar os fatores de sucesso e fracasso nas universidades, bem como os fatores e indicadores de uma formação universitária de qualidade (PIROT; DE KETELE, 2000).

O engajamento acadêmico é observado não apenas como um processo singular, ou seja, que depende de apenas uma vertente, um lado. Neste sentido, Pirot; De Ketele (2000) defendem que o engajamento é um processo multidimensional que abrange 3 dimensões. A comportamental refere-se a quantidade de energia física e psíquica que os estudantes investem nas atividades de aprendizagem e que se expressa em atitudes e comportamentos que demonstram engajamento (entrega de trabalhos, participação nas aulas, comprometimento com os estudos, etc.); a cognitiva, que diz respeito ao trabalho intelectual colocado em prática pelos estudantes nos processos de ensino e aprendizagem; e por fim a afetiva, que refere-se ao desejo de aprender, às aspirações e à mobilização empreendida pelos estudantes, sendo a origem e o motor da ação dos indivíduos. Em conjunto, esse processo permite o envolvimento efetivo dos estudantes com o meio e as atividades acadêmicas, gerando, de fato, o engajamento (COSTA; VITÓRIA, 2018).

Miller (1977), bem como Adams e Paquet (1991 *apud* Pirot; De Ketele, 2000) foram os primeiros a aplicar a variável de engajamento na universidade e em contextos de aprendizagem, avançando o conceito de “envolvimento”. Um aluno envolvido é aquele que mergulha profunda e seriamente no programa de um curso. Esses pesquisadores distinguem as dimensões afetiva (motivações, projetos, vontade), comportamental (gestão do tempo, comportamento de estudo, etc.) e sócio-relacional do comprometimento.

Essas abordagens demonstram que a gestão do tempo é fundamental para o sucesso acadêmico, e também ressaltam que a qualidade do estudo é mais relevante do que a quantidade de atividades desempenhadas pelos indivíduos, pois muitas vezes os alunos se engajam em várias atividades acadêmicas e não conseguem

gerenciar com eficiência e qualidade todas ao mesmo tempo, acarretando na evasão ou desistência das atividades.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral:

Avaliar o engajamento dos alunos dos cursos de saúde da IES 1 pública e na IES 2 privada nas pesquisas científicas desenvolvidas nessas instituições.

3.2 Específico:

3.2.1. conhecer os índices de engajamento dos discentes da área de saúde nas pesquisas científicas institucionais;

3.2.2. identificar os motivos que levam os alunos a não participar dos laboratórios de pesquisa na universidade;

3.2.3. identificar os fatores que interferem diretamente na participação dos alunos nas pesquisas científicas.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo, por meio de questionário *on-line* (criado na Plataforma *Google Forms*) (ANEXO A), elaborado pelo Grupo de Pesquisa em Epilepsia Clínica e Experimental da Universidade Federal de Alagoas, baseada no método survey.

A pesquisa survey pode ser referida como sendo a obtenção de dados ou informações sobre as características, ações ou as opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, utilizando um instrumento de pesquisa, usualmente um questionário (PEREIRA, 2007).

Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o anonimato foi garantido (ANEXO B). Os sujeitos de pesquisa foram os graduandos dos cursos da área da saúde da IES 1 pública e da IES 2 privada, especificamente os cursos de Ciências Biológicas, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Biomedicina (este apenas da IES 2), Psicologia e Odontologia.

O questionário foi elaborado a partir de um critério estruturado, com base em perguntas claras, objetivas (múltipla escolha) e subjetivas (abertas), abordando a temática do engajamento em pesquisa, disponibilizado via aplicativo de mensagem (Whatsapp), no período de março de 2020 a janeiro de 2021. Ao fim do tempo estabelecido, as informações coletadas foram processadas e analisadas quantitativamente por frequência absoluta e relativa, utilizando-se o programa Microsoft Excel 2013. A partir da análise dos dados, categorizamos os participantes em 3 grupos: 1. “**Engajados**” (composto por alunos que estão participando de algum grupo de pesquisa na área da saúde); 2. “**Não Engajados**” (formado por alunos que não participam de nenhum grupo de pesquisa mas que já participaram alguma vez durante a graduação); 3. “**Nunca Engajados**” (formados pelos alunos que nunca participaram de qualquer grupo de pesquisa).

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) número do parecer: 3.774.240 (ANEXO C).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 115 alunos regularmente matriculados nos cursos de Biologia (34,8%, n=40), Educação Física (1,7%, n=2), Enfermagem (9,6%, n=11), Farmácia (27%, n=31), Medicina (9,6%, n=11), Biomedicina (2,6%, n=3), Psicologia (2,6%, n=3) e Odontologia (12,2%, n=14).

Observamos que dos 115 participantes das duas universidades, 56 discentes pertencem ao grupo dos Nunca Engajados, 42 dos Engajados e 17 ao Não engajados (Tabela 1).

Tabela 1 - Total de participantes da pesquisa por engajamento.

N	ÍNDICE DE ENGAJAMENTO
42	ENGAJADOS
17	NÃO ENGAJADOS
56	NUNCA ENGAJADOS

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A Tabela 2 apresenta o total de alunos que participaram da pesquisa em cada instituição, bem como o índice de engajamento.

Tabela 2 - Total de alunos e índice de engajamento por instituição.

FREQUÊNCIA	INSTITUIÇÃO	N	ENGAJADOS	NÃO ENGAJADOS	NUNCA ENGAJADOS
ABSOLUTA	IES 1	91	38	14	39
	IES 2	24	4	3	17
RELATIVA	IES 1	79,13 %	41,76%	15,38%	42,86%
	IES 2	20,87 %	16,67%	12,50%	70,83%

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Podemos observar que o não engajamento (não engajados + nunca engajados) nas duas universidades ultrapassa o número dos que estão engajados. Isso nos faz questionar os motivos que levam um aluno a não participar de pesquisa na universidade. De acordo com Costa; Vitória, (2018):

O engajamento acadêmico envolve não apenas a motivação estudantil, mas também ações concretas que envolvem os indivíduos nas suas dimensões afetiva, comportamental e cognitiva, proporcionando situações e contextos de aprendizagem ativa (em que o sujeito se torna participante do processo de construção de sua própria aprendizagem).

Dentre os fatores que impactam o engajamento, é importante destacar componentes institucionais (divulgação efetiva, ambientes de pesquisa, políticas de acesso, política pedagógica, etc) e pessoais (docentes e discentes) que concorrem para a motivação interna e a aprendizagem ativa e cooperativa. Especificamente no âmbito dos fatores pessoais, vale ressaltar o perfil sociodemográfico do corpo discente, tais como, estado civil, curso, período, turno de estudo, se o estudante possui filho, com quem reside, se trabalha, quanto tempo tem disponível para se dedicar aos estudos fora do âmbito acadêmico, dentre outras variáveis que podem interferir de forma direta no engajamento estudantil (SILVA et al., 2018).

Outro dado que nos chama a atenção é que 41,76% dos participantes da IES 1 estavam engajados em algum laboratório de pesquisa, contra 16,67% da IES 2. É possível que essa diferença sinalize para componentes institucionais voltados diretamente à questão da pesquisa. De acordo com o site da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em 2019, “mais de 95% da produção científica do Brasil nas bases internacionais deve-se, assim, à capacidade de pesquisa de suas universidades públicas, federais e estaduais”. Ainda de acordo com a UNIFESP, “a recente publicação feita por Clarivate Analytics a pedido da CAPES, o Brasil, no período de 2011-2016, publicou mais de 250.000 artigos na base de dados Web of Science em todas as áreas do conhecimento, correspondendo à 13.^a posição na produção científica global (mais de 190 países)”. Segundo o Coordenador do projeto Métricas, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o professor Jacques Marcovich, ex-reitor da USP (1997-2001) no Leiden Ranking, “mostra que das 20 universidades que mais publicam no Brasil, não há nenhuma privada”.

Por outro lado, é importante salientar a baixa adesão dos alunos da IES 2 dentre os participantes dessa pesquisa, o que pode implicar em vieses estatísticos.

A pesquisa mostra ainda que a maioria dos participantes é do sexo Feminino, como mostra a Tabela 3, e que a quantidade maior de participantes tem entre 20 e 23 anos, conforme a Tabela 4. Esses dados confrontam com as avaliações quantitativas que o CNPq realizou. De acordo com Massi; Queiroz, (2010), o CNPq já realizou duas avaliações sobre o Pibic, indicando que os bolsistas são predominantemente do sexo feminino (51%), têm idade média de 23,6 anos; os das áreas de Ciências Humanas são os mais velhos, e os últimos a se tornarem bolsistas, enquanto os das Engenharias são os mais jovens e os primeiros bolsistas.

Tabela 3 - Sexo e índice de engajamento.

FREQUÊNCIA	SEXO	N	ENGAJADOS	NÃO ENGAJADOS	NUNCA ENGAJADOS
Absoluta	MASCULINO	32	8	6	18
	FEMININO	83	34	11	38
Relativa	MASCULINO	27,83%	25,00%	18,75%	56,25%
	FEMININO	72,17%	40,96%	13,25%	45,78%

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Tabela 4 - Idade dos participantes e o índice de engajamento.

IDADE	N	ENGAJADOS	NÃO ENGAJADOS	NUNCA ENGAJADOS
18	3	2	0	1
19	8	1	1	6
20	18	5	1	12
21	20	9	4	7
22	23	12	3	8
23	14	7	2	5
24	6	2	0	4
25	6	0	1	5
27	4	1	2	1
28	1	0	1	0
29	1	0	0	1
32	2	1	0	1
33	1	0	1	0
35	2	0	0	2
39	2	0	0	2
40	1	1	0	0
50	1	0	0	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Na Tabela 5, observamos o total de engajamento dos participantes por período e notamos que há um crescente número de engajados a partir do 3º período, isso também é confirmado pelos dados da pesquisa realizada pelo CNPq “...sendo que os bolsistas levam em média 1,9 ano entre seu ingresso na universidade e seu ingresso no Pibic” (MASSI; QUEIROZ, 2010), ou seja, neste caso, iniciam a pesquisa por volta do seu 3º ou 4º período.

Tabela 5 - Quantidade de participantes por período e índice de engajamento

PERÍODO	N	ENGAJADOS	NÃO ENGAJADOS	NUNCA ENGAJADOS
1º	3	1	0	2
2º	10	2	0	8
3º	10	4	0	6
4º	10	2	2	6
5º	16	5	3	8
6º	23	7	7	9
7º	16	9	2	5
8º	11	5	0	6
9º	8	4	2	2
10º	8	3	1	4
11º	0	0	0	0
12º	0	0	0	0

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Na IES 1 e na IES 2, o ano letivo é dividido por períodos. A Tabela 5 ainda nos mostra que a maioria dos estudantes que participaram estavam entre o 5º e 8º período do curso e o maior número de engajados estão presentes nos períodos finais, isso pode sugerir que o engajamento ocorra neste momento para realizar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Não houve participação de alunos do 11º e 12º período, provavelmente porque apenas o curso de Medicina perdura este tempo, visto também que neste momento do curso os estudantes de medicina estão voltados para realização de trabalhos de conclusão de curso e estão no internato onde o fazem em hospitais e clínicas, ficando fora dos limites acadêmicos como os outros estudantes, o que pode ter inviabilizado a obtenção de respostas do último ano deste curso.

É importante destacar que no geral, a matriz curricular dos cursos da IES 1 e da IES 2, são baseados e elaborados seguindo as Diretrizes Curriculares Nacionais e estão divididos em três grandes eixos ou ciclos ao longo do curso. Com base no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, o primeiro é o ciclo corresponde ao “Ciclo Básico” que é composto por disciplinas básicas e constitui os dois primeiros semestres do curso.

O segundo conjunto de disciplinas é o “Ciclo Intermediário”, que corresponde do 3º ao 5º semestre. Esse ciclo aglutina conteúdos mais específicos que fundamentam, constroem conceitos em termos teóricos, práticos e de valor. Por fim, temos o “Ciclo Avançado”, que corresponde do 6º ao 8º semestre. Esta última etapa reúne um conjunto

de disciplinas que consolidam a atuação do profissional por meio de práticas de estágio (ROSA et al., 2019).

A partir dessas informações podemos inferir que nos anos iniciais da faculdade, os alunos estão aprendendo de forma geral o conteúdo do curso, as disciplinas base para depois iniciar o ciclo seguinte, Intermediário/Profissionalizante. Com isso, os alunos recém ingressos na universidade e que não participaram ou não tiveram um letramento científico em sua fase escolar podem não ter ciência de que ao entrarem na universidade, já podem começar a fazer parte de um grupo de pesquisa, de um projeto de extensão. Assim, de acordo com Barbosa, et al., (2010), isto pode ocorrer, porque “aluno, universitário ou não, calouro ou veterano, o ato de iniciar uma pesquisa parece, num primeiro momento, precipitado e, às vezes, distante de sua realidade. Grande parte dos estudantes desconhece as possibilidades e o caminho para fazer pesquisa”.

Na Tabela 6 observamos que o número de alunos que não participam de algum laboratório de pesquisa representa quase o dobro em relação aos que participam. Isso nos faz questionar os motivos que podem contribuir com este dado: os alunos desconhecem o assunto, não tem incentivo por parte da universidade e dos professores, desinteresse do aluno pelo assunto, falta de tempo ou mesmo pela falta de divulgação.

Esse fato nos permite afirmar que muitos alunos chegam à universidade totalmente alheios ao que acontece além da sala de aula. Não conhecem o que a universidade oferece além da grade curricular obrigatória e acabam por não usufruir de tudo o que ela oferta a partir do seu ingresso.

Isso demonstra que, geralmente estudantes recém-ingressos não têm conhecimento do que se passa na própria Universidade e se detém apenas a sala de aula, ficando indiferente aos projetos de pesquisa que são realizados continuamente pela instituição e muitos acabam se privando de vivenciar tais experiências durante seu processo de formação no período de graduação. Nem todos os alunos sabem que já podem fazer parte de qualquer grupo de pesquisa desde o primeiro período do curso e alguns passam a ter conhecimento sobre os projetos de pesquisa muito tempo depois.

Diante disso, a produção científica universitária feita por docentes pesquisadores e alunos de graduação é necessária para o crescimento da sociedade como um todo; por isso, quanto mais “cedo” os estudantes de graduação começam a produzir cientificamente, conseqüentemente poderão se tornar pesquisadores, com o objetivo de

solucionar os problemas que a sociedade enfrenta no seu cotidiano (SANTOS et al., 2007 *apud* SOUSA; MARQUES, 2011).

Na segunda pergunta, como mostra a Tabela 6, vemos que o interesse dos alunos que nunca participaram de algum laboratório de pesquisa é bem superior aos que nunca tiveram interesse. Este dado demonstra que 98,5% dos participantes gostariam de ser integrantes de um grupo de pesquisa. E podemos vincular essa contradição nas duas perguntas seguintes do questionário, a falta de divulgação por meio da universidade e a dificuldade de conciliar a graduação com essa outra atividade acadêmica.

Tabela 6 - Quantidade total de respostas de questões objetivas

PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO	Sim		Não	
	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência absoluta	Frequência relativa
1 - Você é integrante de algum laboratório de pesquisa?	42	37%	73	63%
2 - Já teve vontade de estagiar em algum laboratório?	70	98,5%	1	1,5%

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Para o público leigo, a divulgação de informações de pesquisas científicas faz-se de extrema importância para integração de um eixo constituído pela comunidade acadêmica-sociedade. Segundo Bueno (2010) existe uma individualização das divulgações científicas onde as produções assumem apenas um caráter coletivo de quem as desenvolve ou burocrático, que assim podemos atribuir os órgãos de fomento. A individualidade nas pesquisas está voltada também para dentro das Instituições de Ensino Superior que são insuficientes nas divulgações de suas linhas de pesquisas, eventos científicos abertos para comunidade e laboratórios fechados à visitação da população.

Esse fato revela que a falta de divulgação sobre os laboratórios e seus grupos de pesquisas dentro da universidade tem influência direta na participação dos alunos. Como observamos na Tabela 7, 64,60% dos participantes acreditam que há falta de divulgação científica. Um dos caminhos que pode ser usado para uma boa divulgação da pesquisa seria feito através dos docentes que estão à frente desses trabalhos. Bridi (2004) ressalta que “para alguns professores, a introdução à pesquisa começa na graduação, na sala de aula, quando o professor desperta o interesse do aluno em aprofundar seus estudos na área de sua disciplina”.

Tabela 7 - Distribuição dos alunos que acham que existe uma boa divulgação das pesquisas científicas desenvolvidas na IES 1 e na IES 2.

PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO	Sim		Não	
	Frequência relativa	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência absoluta
3 - Você acha que existe uma boa divulgação sobre as pesquisas científicas desenvolvidas na sua instituição de ensino?	35,40%	40	64,60%	73
Engajados	14,16%	16	22,12%	25
Não engajados	9,73%	11	4,42%	5
Nunca engajados	16,81%	19	32,74%	37

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Os professores devem, em sala de aula, promover reflexões para que o aluno tenha conhecimento do que é produção científica e da importância disso em sua formação (ASSIS; BONIFÁCIO, 2008). Deste modo, para que ocorra o desenvolvimento de produção científica na universidade é preciso o interesse e a iniciativa não só dos alunos, mas também dos professores, pois o professor deve oferecer a oportunidade para que o aluno possa participar de projetos.

Além do incentivo dos professores, outra forma de melhorar a divulgação nas universidades, seria por meio de eventos científicos e acadêmicos. Estes eventos são de suma importância para o desenvolvimento de pesquisas e para envolver, instigar e despertar no aluno o desejo de fazer partes de projetos científicos. Esses eventos ainda são oportunidades de o pesquisador divulgar o seu trabalho na universidade, estimulando assim a criação intelectual.

Através dessa divulgação, a ciência, os pesquisadores compartilham conhecimentos, podem formar uma rede de contatos profissionais (*networking*) para trocar experiências e informações e potencializar oportunidades através dos relacionamentos criados, promovendo até a interdisciplinaridade, a partir dos eventos de divulgação científica. Os pesquisadores em início de carreira também são beneficiados, é uma grande oportunidade para estes conhecerem pesquisadores renomados.

De acordo com a pesquisa, existem alguns fatores que influenciam diretamente a participação dos alunos nos laboratórios de pesquisa. Listamos alguns deles na Tabela 8.

Tabela 8 - Fatores que influenciam a realização da pesquisa científica durante a graduação.

Fatores que interferem na realização da pesquisa Científica durante a graduação	N	Engajados	Não engajados	Nunca engajados
Disciplinas difíceis	63	28	12	23
Depender de transporte intermunicipal	20	8	2	10
Turno do curso	43	12	10	21
Carga horária do curso	76	33	14	29

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A Tabela 8 nos mostra que a maioria dos participantes tem uma carga horária incompatível com o tempo disponível para a realização de atividades extracurriculares. Muitos laboratórios exigem uma carga horária mínima semanal para que o aluno possa estar vinculado a ele. Isso pode ter influência direta na quantidade de alunos participantes no meio científico.

Outra situação que contribui para o baixo índice de alunos fora do eixo pesquisa e ensino é a dificuldade de conciliar a pesquisa com os estudos da graduação. De acordo com a Tabela 9, a pesquisa revelou que quase 89% dos participantes declararam existir dificuldade em manter a relação da pesquisa com os estudos acadêmicos, o que pode dificultar o ingresso de novos estudantes e a continuação daqueles que já se encontram em algum laboratório de pesquisa, pois como afirma Sousa e Marques, (2011) “a dificuldade de conciliar as atividades da pesquisa com as disciplinas da graduação constitui-se uma desvantagem para a permanência do aluno no programa de Iniciação Científica”.

Tabela 9 - Distribuição dos alunos que dizem ter dificuldades em conciliar a pesquisa científica e estudos da graduação.

PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO	Sim		Não	
	Frequência relativa	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência absoluta
4 - Conciliar pesquisa Científica com os estudos da graduação é difícil?	88,79%	95	11,21%	12
Engajados	35,51%	38	2,80%	3
Não engajados	13,08%	14	2,80%	3
Nunca engajados	39,25%	42	5,61%	6

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Na Tabela 10, podemos verificar alguns comentários dos participantes sobre como melhorar a divulgação científica na universidade. Nos três grupos houve dois tipos de respostas em comum, a divulgação por meio de redes sociais e a realização de feiras/ eventos de exposição.

No grupo dos “Engajados”, houve mais comentários com termos técnicos, como observamos no segundo comentário, mostrando que os participantes conhecem os caminhos da pesquisa e conseguem argumentar com mais detalhe a pergunta. Já no grupo dos “Não engajados”, notamos que os comentários permeiam a divulgação em sala de aula, talvez porque seja o meio mais fácil e rotineiro de encontrar os alunos tornando assim, um efetivo meio de divulgação.

O grupo dos “Nunca engajados”, segue mais a linha de que as vagas de iniciação científica são para alguns alunos privilegiados ou que já participam de alguma atividade acadêmica na universidade e citam a relevância de inserção de mais bolsas, isso pode inferir que este grupo seja de estudantes que precisem trabalhar para conseguir se manter estudando e com isso não consigam ingressar na carreira científica.

O que Maasi; Queiroz, (2010) aponta para este fato é: “Outro aspecto relevante é a distribuição heterogênea das bolsas por regiões do Brasil: 47,5% distribuídas no Sudeste, 21,6% no Nordeste, 17,8% no Sul, 8,1% no Centro-Oeste e apenas 5% no Norte (Neder, 2001).” E por não haver oferta de bolsa em maior escala Bridi, (2004) explica: “A pequena abrangência do programa é uma crítica constante à IC, pois isso restringe a atividade aos “melhores alunos” e constatou, por meio de entrevistas com professores da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp –, que as limitações no número de bolsas fazem da IC uma atividade “seletiva, que beneficia poucos e discrimina muitos, aparentemente privilegiando os mais ‘capacitados’ e ‘promissores’. Outra crítica recorrente ao modelo de IC proposto pelo CNPq, e aplicado na maioria das universidades, é que, além das restrições impostas aos alunos, algumas IES, principalmente as privadas, também são excluídas do processo (MASSI; QUEIROZ, 2010).

Tabela 10 - Comentários dos participantes sobre como melhorar a divulgação da pesquisa científica na universidade.

ÍNDICE DE ENGAJAMENTO	COMENTÁRIO
Engajados	<i>“Mostras anuais de publicações científicas por meio de eventos.”</i>
	<i>“Uma intervenção de muita relevância seria ampliar o número de eventos de divulgação científica ”.</i>
	<i>“ Divulgação unificada por meios digitais...das linhas de pesquisa, dos projetos de pesquisa, e dos resultados parciais dos grupos de pesquisa...”.</i>
Não engajados	<i>“Maior divulgação em redes sociais, realização de eventos”.</i>
	<i>“Uma maior esclarecimento de como você pode participar, uma explicação dos professores do que é necessário se fazer para conseguir. ”.</i>
	<i>“Divulgação na sala de aula”.</i>

Nunca engajados	<i>“Mais bolsas”.</i>
	<i>“As coordenações dos cursos atualizarem com frequência redes sociais como Instagram e site institucional e professores selecionarem alunos usando critérios padronizados ao invés de escolher aqueles que já foram ou são monitores do setor, que são mais próximos ou coisa do tipo”.</i>
	<i>“Os alunos até querem mas os professores preferem escolher os alunos que são ditos como preferidos deles...”.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

6. CONCLUSÃO

A pesquisa científica nos cursos de saúde na IES 1 e na IES 2 ainda é restrita à minoria dos discentes. Essa realidade pode ser justificada pelas dificuldades que os alunos passam tais quais como conciliar os estudos da graduação e com a pesquisa no laboratório, muitas vezes por falta de tempo devido à carga horária dos cursos ou ainda pela necessidade de conciliar os estudos com o trabalho, ficando inviável a participação dos mesmos nessas atividades extracurriculares que a universidade oferece. A produção científica nos cursos de saúde pode contribuir para a sociedade, para o aluno, a formação do professor pesquisador e para a vida profissional.

Acreditamos que as temáticas que subsidiam o engajamento acadêmico não se encerram neste trabalho, mas mediante as considerações finais, esperamos que as reflexões aqui discutidas, possam ter clarificado os motivos que levam os estudantes ao não engajamento acadêmico estudantil e institucional na universidade e consequentemente na produção científica e a partir da relevância desse trabalho contribuir com futuras ações de melhoria da qualidade da educação superior.

REFERÊNCIAS

A universidade como pilar na produção do conhecimento. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/61517/a-universidade-como-pilar-na-producao-do-conhecimento#:~:text=A%20Universidade%20%C3%A9%20o%20lugar,e%20como%20ela%20age%20atualmente.>> Acesso em: 30 de abril de 2021.

ASSIS, R. M.; BONIFÁCIO, N. A. **A produção científica na formação dos alunos do curso de educação física do caj/ufg.** V II (5), 2008

AULER, Décio; DELIZOICOV, Demétrio. Alfabetização científico-tecnológica para quê? **Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências, Belo Horizonte**, v. 3, n. 1, p. 122-134, 2001.

BARBOSA, E. M. S.; EDUVIRGES, J. R.; CIRIACO, M. S. S. **ORAL: Despertando para a produção intelectual: a importância da pesquisa científica.** 2010.

BARBOSA, E. M. S.; RAMOS, J.; CIRÍACO, M. S. **Despertando para a produção intelectual: a importância da pesquisa científica.** p. 16, 2009.

BARIANI, Isabel Cristina Dib. **Estilos cognitivos de universitarios e iniciação científica.** 1998. 146f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253051>>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

BARRETO, A. L.; FILGUEIRAS, C. A. L. Origens da universidade brasileira. **Química Nova**, São Paulo, v.30, n.7, p.1780-1790, 2007.

BRASIL. **Estatuto das Universidades Brasileiras.** Decreto n.19.851 – 11 de abril de 1931

BRIDI, JCA. A pesquisa nas universidades brasileiras: implicações e perspectivas. In: MASSI, L., and QUEIROZ, SL., orgs. **Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro** [online]. São Paulo: **Editora UNESP**, 2015, pp 12-35. ISBN 978-85-68334-57-7. Disponível em: SciELO Books.

BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, [s.l.], v. 15, p.1-12, 16 dez. 2010. Universidade Estadual de Londrina.

CARDOSO, I. de A. R. **A universidade da comunhão paulista**. São Paulo: Autores Associados, 1982.

CÉSAR, S. B. **A indissociabilidade ensino, pesquisa, extensão e a gestão do conhecimento: Estudo em universidade brasileira**, 2013.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: <<https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-ict#:~:textos%20programas%20voltados%20para%20os,criado%20para%20%20Inicia%C3%A7%C3%A3o%20Cient%C3%ADfica.>> Acesso em: 18 de maio de 2021.

Constituição Federal de 1988. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10650167/artigo-207-da-constituicao-federal-de-1988>> acesso em: 28/04/2021.

COSTA, P. T.; VITÓRIA, M. I. C. **Engajamento acadêmico: aportes para os processos de avaliação e planejamento na educação superior. Promovendo o engagement estudantil na educação superior: reflexões rumo a experiências significativas e integradoras na universidade**, p. 123–138, 2018.

CRUZ, M. A. **As contribuições que a elaboração de uma monografia trouxe para a formação dos graduados em ciências contábeis no ano de 2002 da universidade estadual de montes claros** – unimontes.2003, 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Ciências Contábeis, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2003.

CUNHA, R. B. Alfabetização científica ou letramento científico?: Interesses envolvidos nas interpretações da noção de scientific literacy. **Revista Brasileira de Educacao**, v. 22, n. 68, p. 169–186, 2017.

DA SILVA CORDEIRO MOITA, F. M. G.; DE ANDRADE, F. C. B. Ensino-pesquisa-extensão: Um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educacao**, v. 14, n. 41, p. 269–280, 2009.

FÁVERO, M. L. A. **A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968**, 2016

FONTANELLA, D.; MEGLHIORATTI, F. A. A Divulgação Científica e o Ensino de Ciências: Análise das Pesquisas. **VIII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica**, 2013.

FORUM DE REFLEXAO UNIVERSITARIA &FRAC34; UNICAMP. **Desafios da pesquisa no Brasil: uma contribuição ao debate**. *São Paulo Perspec.* [online]. 2002, vol.16, n.4, pp.15-23. ISSN 1806-9452.

GOMES, C. C. P. **O Papel Social Da Universidade**. p. 2591–2602, 2014.

Gossuin. P. & Devoet. B. (1984). Aider les étudiants à réfléchir à leur motivation à entreprendre des études supérieures. **Bulletin de psychologie scolaire et d'orientation**, 2. 70-75.

In: BRIDI, J. C. A. **A iniciação científica na formação do universitário**. Campinas, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

JANKEVICIUS, J. V. **A pesquisa científica e as funções da Universidade**. Semina: Ci.Biol./Saúde, Londrina, v.16, n. 2, 1995.

MACEDO, M. V. de; NASCIMENTO, M. de S.; BENTO, L. Educação em Ciência e as “Novas” Tecnologias. **Revista Práxis Educacional**, [s.l.], v. 5, n. 9, 2013

MASSI, L.; LINHARES QUEIROZ, S. **Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro**. [s.l: s.n.].

MASSI, L.; QUEIROZ, S. L. **Estudos sobre iniciação científica no Brasil: uma revisão**. p. 173–197, 2010.

MEIS, L.; LETA, J. O perfil da ciência brasileira. Rio de Janeiro: **Editora da UFRJ**, 1996.

MELO, Thayuanne; et al.. Conhecimentos dos alunos da área da saúde acerca de pesquisas científicas desenvolvidas na universidade federal de alagoas. Anais III CONAPESC... Campina Grande: **Realize Editora**, 2018. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/43019>>. Acesso em: 12/05/2021 14:05

- MENDONÇA, A. W. P. C. **A universidade no Brasil**. *Revista Brasileira de Educação*, n. 14, p. 131–150, 2000.
- MENEGHEL, S. M. **A crise da universidade moderna no Brasil**. Campinas, 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas.
- OHIRA, M. L. B. **Por que fazer pesquisa na universidade?**, 1998.
- OLIVEIRA FILHO, R. S. DE et al. Fomento à publicação científica e proteção do conhecimento científico. *Acta Cirurgica Brasileira*, v. 20, n. suppl 2, p. 35–39, 2005.
- PEREIRA, E. M. de A. (Org.). **Universidade e educação geral: para além da especialização**. Campinas: Alínea, 2007. _____. **A universidade nos tempos atuais. Avaliação**, Campinas; v.14, n.1, p.29-52, 2009.
- PEREIRA, M. A. C. **Competências para o ensino e a pesquisa: uma survey com docentes de Engenharia Química**, 2007.
- Pirot, Laurence et Jean-Marie De Ketele. « L'engagement académique de l'étudiant comme facteur de réussite à l'université Étude exploratoire menée dans deux facultés contrastées. » *Revue des sciences de l'éducation*, volume 26, numéro 2, 2000, p. 367–394.
- ROCHA, M. B. Textos de divulgação científica na sala de aula: a visão do professor de ciências. *Revista Augustus*, 2010; 29 (14), 24-34.
- ROSA, G. R. et al. **PROJETO PEDAGÓGICO** 2019. Disponível em: <<https://ufal.br/estudante/graduacao/projetos-pedagogicos/campus-maceio>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.
- SILVA, J. O. M. DA et al. Engajamento entre Estudantes do Ensino Superior nas Ciências da Saúde (Validação do Questionário Utrecht Work Engagement Scale (UWES-S) com Estudantes do Ensino Superior nas Ciências da Saúde). *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 42, n. 2, p. 15–25, 2018.
- SOUSA, E. S. DE. *Revista Prática Docente (RPD)*. p. 641–652, 2019.
- SOUSA, J. M. T.; MARQUES, H. V. C. F. **Contribuições da iniciação científica no processo de ensino e aprendizagem em química**. 2011.
- SOUZA, J. G. Evolução Histórica Da Universidade Brasileira. *Revista da Faculdade de Educação*, p. 42–58, 1996.

TEIXEIRA, A. A universidade de ontem e de hoje. Rio de Janeiro: **Editora da UERJ**, 1977. (Coleção Universidade)

TEIXEIRA, Anísio, (1988). . Rio de Janeiro: **Editora da UFRJ**.

Universidades públicas realizam mais de 95% da ciência no Brasil. Disponível em: <<https://www.unifesp.br/noticias-anteriores/item/3799-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil>> **acesso em: 15 de maio de 2021**

ZATERKA, L. Francis Bacon e a questão da longevidade humana. **Scientiae Studia**, v. 13, n. 3, p. 495–517, 2015.

ANEXOS

ANEXO A

QUESTIONÁRIO

DADOS GERAIS

1. Você faz parte de qual instituição?

☐ UFAL

☐ CESMAC

2. Idade:

3. Sexo:

☐ Masculino

☐ Feminino

☐ Não quero responder

4. Curso:

☐ Medicina

☐ Nutrição

☐ Biomedicina

☐ Enfermagem

☐ Odontologia

☐ Educação Física

☐ Farmácia

☐ Biologia

☐ Psicologia

5. Período que cursa em 2020:*

☐ 1

☐ 5

☐ 9

☐ 2

☐ 6

☐ 10

☐ 3

☐ 7

☐ 11

☐ 4

☐ 8

☐ 12

QUESTIONÁRIO

1. Você é integrante de algum laboratório de pesquisa? *

☐ Sim

☐ Não

☐ Não quero responder

2. Caso a resposta anterior seja não, já teve vontade de estagiar em algum laboratório?*

☐ Sim

☐ Não

☐ Não quero responder

3. Alguma vez já participou de um grupo de pesquisa? *

☐ Sim

☐ Não

☐ Não quero responder

4. Caso a resposta anterior seja sim, qual é o grupo de pesquisa?*

Resposta: _____

5. Qual é seu vínculo no grupo de pesquisa? *

☐ Estágio voluntário

☐ TCC

☐ PIBIC

☐ Não faço parte de grupo de pesquisa

☐ Não quero responder

Outro: _____

6. Você acha que existe uma boa divulgação sobre as pesquisas científicas desenvolvidas na sua instituição de ensino? *

☐ Sim

☐ Não

☐ Não quero responder

7. O que poderia ser feito para melhorar a divulgação da Ciência no ambiente universitário?*

Resposta: _____

8. Conciliar Pesquisa Científica com os estudos da graduação é difícil? *

☐ Sim

☐ Não

☐ Não quero responder

9. Caso a resposta anterior seja sim, quais fatores interferem na realização da Pesquisa Científica durante a graduação? Marque todas que se aplicam. *

☐ Carga horária do curso

☐ Disciplinas difíceis

☐ Turno do curso

☐ Dependência de transporte intermunicipal

☐ Não quero responder

☐ Outro: _____

10. Gostaria de participar de algum evento sobre pesquisas desenvolvidas na UFAL ou CESMAC?

☐ Sim

☐ Não

☐ Não quero responder

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

(Disponibilizado on-line sendo requisito para concluir a participação na pesquisa)

"O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após o consentimento livre e esclarecido dos participantes ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa"

O (a) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar do estudo "Conhecimento dos alunos da área da saúde sobre pesquisas científicas desenvolvidas na Universidade Federal de Alagoas e Centro Universitário CESMAC", que será realizada na Universidade Federal de Alagoas Campus A. C. Simões e no Centro Universitário CESMAC e receberá da Sr^a Thayuanne Silva de Melo, aluna pesquisadora responsável por sua execução, as seguintes informações que o farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Este estudo se destina a verificar se os alunos da graduação dos cursos na área da saúde têm conhecimento sobre as pesquisas científicas desenvolvidas dentro da UFAL, campus A.C. Simões e Centro Universitário Cesmac; considerando que a importância deste estudo é verificar se os alunos da graduação dos cursos da área da saúde têm conhecimento sobre as pesquisas científicas desenvolvidas na Universidade Federal de Alagoas e no Centro Universitário CESMAC; que os resultados que se desejam alcançar são, saber, dentre os participantes, quantos fazem parte de alguma pesquisa científica na área da saúde, avaliar os motivos que levam os alunos a não participar dos laboratórios de pesquisa na universidade e identificar os fatores que interferem diretamente na participação dos alunos nas pesquisas científicas; tendo início planejado para começar em 15 de março de 2020 e terminar em 11 de maio de 2020.

O (a) Senhor (a) participará do estudo da seguinte maneira, respondendo ao questionário *on-line* contendo questões objetivas e subjetivas para obtenção dos dados relacionados ao conhecimento e envolvimento dos alunos na pesquisa. Para isso, o questionário será disponibilizado via link através do email ou whatsapp para os alunos de ambas as instituições no período de 15 de março à 15 de abril de 2020 e as respostas serão analisadas quali e quantitativamente, através de métodos estatísticos, para isso será utilizado o programa Microsoft Excel 2013 e o pacote estatístico Graph Pad Prism.

Sabendo dos possíveis riscos à sua saúde física e mental, pode ser que os participantes da pesquisa apresentem sintomas de mal-estar (dor de cabeça, náuseas, tontura), fiquem tímidos, inibidos, constrangidos ou não saibam responder às questões apresentadas pelo pesquisador, caso ocorra algum problema desta ordem os riscos serão minimizados da seguinte forma, o voluntário poderá se abster de responder o questionário ou a qualquer pergunta específica. Prevendo estes riscos, antes da aplicação da pesquisa, haverá um texto onde serão esclarecidas as informações do projeto em linguagem clara, simples e acessível, garantido aos sujeitos por meio do TCLE a confiabilidade do estudo e o sigilo das informações dos indivíduos, incluindo as medidas de proteção à confidencialidade e à liberdade do participante da pesquisa de recusar-se a participar. No caso do risco de quebra de sigilo, os dados coletados com a sua participação serão descartados.

Os benefícios previstos com a sua participação possibilitará uma reflexão sobre o engajamento dos alunos na pesquisa e através disso buscar entender o distanciamento dos mesmos nessa área, para assim criar meios de envolver uma maior quantidade de alunos nas pesquisas científicas, contribuindo para a própria formação do discente e para a ciência, que serão quantificados através do preenchimento dos questionários disponibilizados via *link* por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp e e-mail entre os dias 15 de março à 15 de abril de 2020.

O (a) Senhor (a) contará com a assistência da equipe executora coordenada por Thayuanne Silva de Melo para quaisquer dúvidas ou questionamentos sobre a pesquisa sendo responsável por assistência integral, pelo tempo que for necessário disponível através do email thay-sm@hotmail.com e telefone (82) 9 9643-1322, residente no endereço Loteamento Trevo do Francês, número 32, Marechal Deodoro/AL.

A sua participação na pesquisa poderá ser interrompida em caso de greve ou qualquer possível dano à integridade do participante.

Durante todo o estudo, a qualquer momento que se faça necessário, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo e/ou Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Este Termo estará na página do questionário, sendo pré-requisito para finalizar a participação na pesquisa, onde o participante deverá afirmar que concorda clicando na opção "Estou ciente do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO".

A qualquer momento, o (a) Senhor (a) poderá recusar a continuar participando do estudo e, retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo. A divulgação dos resultados será realizada somente entre profissionais e no meio científico pertinente.

O (a) Senhor (a) deverá ser ressarcido (a) por qualquer despesa que venha a ter com a sua participação nesse estudo e, também, indenizado por todos os danos que venha a sofrer pela mesma razão, sendo que, para estas despesas é garantida a existência de recursos.

O Comitê de Ética em Pesquisa é um colegiado (grupo de pessoas que se reúnem para discutir assuntos em benefício de toda uma população), interdisciplinar (que estabelece relações entre duas ou mais disciplinas ou áreas de conhecimento) e independente (mantém-se livre de qualquer influência), com dever público (relativo ao coletivo, a um país, estado ou cidade), criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade, dignidade e bem-estar. É responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. São consideradas pesquisas com seres humanos, aquelas que envolvam diretamente contato com indivíduo (realização de diagnóstico, entrevistas e acompanhamento clínico) ou aquelas que não envolvam contato, mas que manipule informações dos seres humanos (prontuários, fichas clínicas ou informações de diagnósticos catalogadas em livros ou outros meios).

O (a) Senhor (a) tendo compreendido o que lhe foi informado sobre a sua participação voluntária no estudo "Conhecimento dos alunos da área da saúde sobre pesquisas científicas desenvolvidas na Universidade Federal de Alagoas e Centro Universitário CESMAC", consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que terá com a sua participação, concorda em participar da pesquisa mediante a permissão deste Termo de Consentimento.

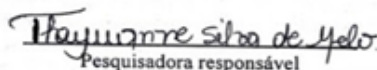
"Li e salvei uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO".

ATENÇÃO:

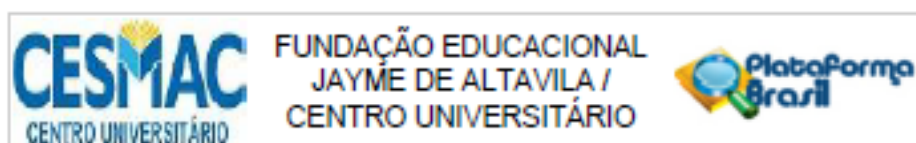
Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), pertencente ao Centro Universitário Cesmac: Rua Cônego Machado, 918. Farol, CEP: 57021-060. Telefone: 3215-5062. Correio eletrônico: coepe.cesmac@cesmac.edu.br. Horário de funcionamento: Segunda a quinta 7h30 às 12h00 e das 13h00 às 17h30 na sexta o horário é de 7h30 às 12h00 e das 13h00 às 16h30.

Informamos também que este Comitê de Ética tem dois recessos, um em junho apenas com uma semana e o outro se estendendo de dezembro a janeiro.

Maceió, 23 de janeiro de 2020


Pesquisadora responsável

ANEXO C



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONHECIMENTO DOS ALUNOS DA ÁREA DA SAÚDE SOBRE PESQUISAS CIENTÍFICAS DESENVOLVIDAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS E NO CENTRO UNIVERSITÁRIO CESMAC

Pesquisador: THAYUANNE SILVA DE MELO

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 22795219.9.0000.0039

Instituição Proponente: Centro de Estudos Superiores de Maceió - CESMAC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

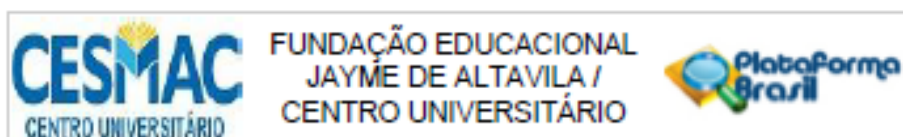
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.774.240

Apresentação do Projeto:

A iniciação científica (IC) é uma atividade que inicia o aluno de graduação na produção de conhecimento científico. Essa atividade geralmente acontece em instituições de ensino superior. É através desse conhecimento científico que os discentes têm a oportunidade de desenvolver o senso crítico, ético, profissional e de produzir conhecimento. A universidade é o veículo mais importante para estimular e incentivar a pesquisa, tendo um papel fundamental no desenvolvimento desta atividade, sendo necessário o apoio da instituição e de professores. A despeito disso, existem motivos que distanciam os alunos da vivência em atividades de pesquisa no meio acadêmico. Através deste estudo, buscaremos qualificar esses motivos. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa será avaliar se os graduandos dos cursos de Ciências Biológicas, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Nutrição, Biomedicina e Odontologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e do Centro Universitário CESMAC têm conhecimento sobre pesquisa científica e quais razões os levam a ingressar ou não em atividades desse tipo. Para isso, serão distribuídos questionários impressos aos alunos dos cursos da área da saúde do campus A.C. Simões, UFAL e CESMAC, cujas respostas serão posteriormente correlacionadas e avaliadas quantitativamente. Dessa forma, uma vez que os benefícios desse engajamento auxiliam na formação da concepção científica do mundo e estabelece uma visão para a autoaprendizagem e para o trabalho em equipe e individual, conhecer e avaliar as limitações existentes para a participação dos mesmos poderá

Endereço: Rua Cônego Machado nº 917 CEP: 57.051-160
 Bairro: Farol
 UF: AL Município: MACEIO
 Telefone: (32)3215-5062 Fax: (32)3215-5062 E-mail: coepe.cesmac@cesmac.edu.br



Continuação do Parecer: 3.774.240

Instituição e Infraestrutura	deciiautorizacaocesmac.jpg	22:41:18	DE MELO	Acelto
Outros	DeclaracaopublicacaoM.pdf	03/09/2019 23:51:39	THAYUANNE SILVA DE MELO	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodetR.pdf	03/09/2019 23:46:23	THAYUANNE SILVA DE MELO	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACEIO, 16 de Dezembro de 2019

Assinado por:
Sérgio Coutinho dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cônego Machado nº 917
Bairro: Farol CEP: 57.051-160
UF: AL Município: MACEIO
Telefone: (02)3215-5062 Fax: (02)3215-5062 E-mail: coepe.cesmac@cesmac.edu.br